



> “AQUI EU QUERO PUTA, MÍSTICO, FREIRA, ATEU, COMUNISTA”: ENTREVISTA COM CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

por **JOÃO ROBERTO BORT JR.**¹

Carlos Rodrigues Brandão é antropólogo, mas também psicólogo. Com ampla trajetória acadêmica, a lista de universidades do Brasil e do exterior às quais esteve e está vinculado é vasta o suficiente para inibir nossa tentativa de reproduzi-la. Mas, aparentemente, foi na Universidade Estadual de Campinas que construiu a maior parte de sua trajetória, ainda inacabada, afinal, continua produzindo. Referência obrigatória para os estudiosos, principalmente do mundo rural e da Educação, Brandão escreveu livros que enveredam para além da Antropologia, versam sobre temas ligados à Arte, ao Meio Ambiente e à Literatura, inclusive a infantil. O Humano com toda sua potência de vida múltipla é matéria de pensamento do autor, como fica evidente no curso livre e aberto que, atualmente, coordena em seu sítio em Caldas, no Sul Mineiro. Nas palavras dele, um curso que é um “encontro entre pessoas sobre o mistério da pessoa”.

Na biblioteca da casa central da *Rosa dos Ventos* – o sítio, um lugar de hospedagem e reflexão – ele concedeu essa entrevista um dia após uma sessão acerca do “mistério da pessoa”, no dia 3 de fevereiro de 2019. Por meio dessa conversa generosa, Brandão deixa evidenciar como a sua trajetória cruza-se às de artistas, intelectuais, ambientalistas, enfim, de toda sua gente amiga. A própria história da cidade mineira já não pode ser inteiramente contada sem o percurso biográfico e profissional do professor emérito da Unicamp. Afinal, suas andanças, como viajante – um “aventureiro”, como se definiria – ou pesquisador, criaram laços com variadas pessoas a tal ponto que foram reencontrá-lo no interior de Minas Gerais. O resultado ainda tem sido o estabelecimento de uma intelectualidade em Caldas, conforme ele mesmo conta. Sem dúvida, esse processo não deixou de trazer consequências também para a sua própria produção e vida e para as de outros, como de jovens e experientes artistas e estudiosos que circularam e moram na região, bem como para a movimentação política que fora e é praticada por aqueles que se iniciaram ali, ficando na *Rosa dos Ventos*.

Palavras-chave: Carlos Rodrigues Brandão; Intelectuais; Ambientalistas; Artistas; Caldas-MG

1 Membro do Comitê Editorial da PROA. Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas.

João Roberto Bort Jr. (JRB): Professor Brandão, suspeito que Caldas concentre um número de intelectuais expressivos em relação à sua dimensão populacional. Você também percebe isso?

Carlos Rodrigues Brandão (CRB): Caldas é de mais de duzentos anos, comemorou duzentos e poucos anos, mas o seu apogeu foi com a introdução do vinho, que dizem que é devido a um padre português. Eu sei que nos anos 20, 30 – isso está naquele livrinho² que lhe dei – chegaram até a mudar o nome para Parreiras. Caldas tem aquela imensa cooperativa, o Palácio da Uva; foi um tempo de esplendor. Comentam que havia aqui entre 42 e 62 adegas. Naquele meu livrinho *Vinho Amargo*, que deve estar aí também, que eu nunca publiquei, têm informações. Não havia uma intelectualidade em Caldas, eu não me lembro de comentários a respeito de algum homem que tenha se destacado. Quem é filho de Caldas e é lembrado, não sei, é Lô Borges, um desses músicos mineiros, depois foi para Belo Horizonte e nem voltou aqui³. Poços de Caldas, embora tenha derivado de Caldas, era um lugarejinho, tinha águas minerais que as pessoas iam tomar, enquanto Caldas já era cidade. Tinha um trem que chegava com gente que vinha se cuidar de tuberculose, essas doenças. Stelio Marras deve descrever, o livro⁴ dele é grande, é muito detalhado, inclusive Antonio Candido faz o prefácio. A propósito, Antonio Candido tem um livrinho⁵ sobre uma mulher desconhecida, mas que mereceu uma biografia dele, chamada Teresina Carini Rocchi, que foi uma anarquista italiana. Ela foi para São Paulo e acabou indo para Poços de Caldas parece que por causa de tratamento de saúde. Não sei se ela lá ficou. Tanto que uma vez, quando nós criamos um centro de pensamento e militância em Poços de Caldas, colocamos esse nome: *Centro Teresina Carini Rocchi*. E Poços de Caldas deu Antonio Candido, não sei se deu mais alguém assim importante. Já Caldas, não. Quando cheguei em Caldas – 1978 não conta, porque eu vim e passei dois ou três dias – em razão do projeto da UNICAMP, que eu chamo “Projeto da Nazareth”⁶, sobre modernização e tradicionalidade na agricultura, aí sim, aluguei uma casinha em Pocinhos⁷ e encantei-me por aqui. Naquele tempo era tão barato que até meus alunos, todo mundo, Emília⁸, Ingrid⁹, todo mundo comprava terra aqui. Você, com dois meses de bolsa de mestrado, comprava um alqueire de terra. O pessoal até diz que fui eu que criei interesses por Caldas e atrai gente, mas na

2 O livro a que se refere é um compêndio de fragmentos de memórias produzido em 2002 a partir de um curso de especialização para professores e professoras de Caldas-MG, coordenado por Carlos Rodrigues Brandão, com o apoio da Pontifícia Universidade Católica - PUC, conforme ele explicará.

3 Embora seja mineiro, Lô Borges não nasceu em Caldas. É provável que Brandão estivesse pensando em Fernando Brant.

4 MARRAS, Stelio. **A propósito de águas virtuosas: formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

5 CANDIDO, Antonio. **Teresina etc.** 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007 [1980].

6 Maria de Nazareth Baudel Wanderley, professora aposentada pela UNICAMP.

7 Pocinhos do Rio Verde é um distrito de Caldas, cidade localizada na região de Poços de Caldas, no Sul do estado de Minas Gerais.

8 Emília Pietrafesa de Godoi, ex-aluna de mestrado de Brandão e, atualmente, professora do Departamento de Antropologia – UNICAMP.

9 Ingrid Weber.

verdade não foi, foi o fluxo de pessoas. Eu estava praticamente sozinho aqui, fazendo pesquisa e já construindo essa casa. Rubem Alves, acho que aí já foi bem depois, acho que no começo dos anos 2000, estava se separando, tinha um sítio em Campos do Jordão, um lugar muito bonito, veio aqui desabafar, conversar comigo. Nós éramos muito amigos. Ele era um cara muito mais conhecido do que eu, inclusive na UNICAMP. Era uma pessoa de grande relevância lá, não só como professor, porque coordenava um setor que Zeferino Vaz criou de relações internacionais. Ele circulava pela UNICAMP toda. Rubem Alves de repente se encantou por aqui. Eu me lembro de um primeiro de janeiro a gente na varanda conversando. Ele contando lá dos entrevos da vida dele. De repente, uma coincidência, uma terra baratíssima do outro lado da montanha, na serra de Caldas. Ele comprou e virou um caldense apaixonado. Ele até morou aqui, onde está o João Bá, enquanto construía uma casinha lá. Ele que começou divulgar mais Caldas. Ele tinha mais projeção, teve uma coluna no jornal de Campinas durante muito tempo. Escreveu um longo artigo que eu tenho guardado sobre Pocinhos do Rio Verde. Aquele tempo, é interessante, a gente falava até mais em Pocinhos do que Caldas. Ele começou atrair mais gente; eu comecei a atrair mais gente da UNICAMP. Veio a Emília, vieram alunos meus, Bia Labate¹⁰, que morou tempos aqui, que hoje em dia é uma pessoa muito conhecida pelos trabalhos dela com a ayahusca, que era do Santo Daime. Veio a Lica – tem um sobrenome grego, mas eu não vou me lembrar – também tinha uma terrinha aqui. Então foi muito interessante, começou a chegar um pessoal da UNICAMP, porque eu dava aulas aqui quando ficou pronto. Eu dava uns cursos e, às vezes, no feriado eu os fazia concentrados aqui. Eu dava os cursos até antes de estar pronta a *Rosa dos Ventos* e o pessoal se arranchava em Pocinhos. Era muito interessante, muita gente que já é professor doutor por aí. Aconteceu que, justamente como meu último trabalho da UNICAMP, eu desenvolvi dois projetos paralelos. Um pequenininho que chamava *Sentimento do mundo*, que envolveu Clarissa Magalhães, que até esteve aqui esse outro fim de semana com o marido, Elaine Zanin e Andrea Borghi¹¹, que acabou fazendo mestrado sobre o *Parque Grande Sertão Veredas* e depois um doutorado não sei sobre que tema e que mora lá por Brasília. O outro foi um “projeto” chamado “HOSANA”¹², *Homem, saber e natureza*. Foi uma história muito interessante em que me aliei ao professor Márcio Campos¹³ da Física, mas ele “mexia” com etnoastronomia. Ele até se autodenominava “astropólogo”. E a gente resolveu dar um curso. Naquele tempo, a gente estava começando a falar em cursos interligados. Ele inclusive tinha criado aquele observatório a olho nu¹⁴ com uma verba do CNPq. E demos um curso que chamava *Homem, cultura e natureza*, que teve uma aceitação enorme. Veio gente de várias áreas, até gente de fora da UNICAMP. Nós o reduplicamos duas vezes, ficamos três semestres dando o curso. Foi daí que saiu essa ideia de fazer o projeto *homem, saber e natureza* que envolveu umas vinte pessoas, inclusive professores,

10 Beatriz Caiuby Labate.

11 Andrea Borghi Moreira Jacinto.

12 Forma reduzida e simpática com a qual apelidaram o projeto *Homem, saber e natureza*.

13 Marcio D’Olne Campos.

14 Aldebarã ou Aldebaran, observatório a olho nu, construído na UNICAMP.

por exemplo, Lúcia Ferreira Costa. Era sempre muito minha assinatura nessas ideias de misturar graduandos, mestrandos, doutorandos, professores. E cada um tinha que fazer sua pesquisa, não tinha auxiliar de pesquisa. Podia ser graduando, doutor, cada um fazia sua pesquisa própria. Nós dividimos uma equipe de litoral – que ficou com Márcio Campos, que pesquisou Ubatuba até Ilha Bela, uns trabalhos muito bonitos, inclusive o da Lúcia sobre Cubatão – e uma equipe que a gente chamava de “Montanha”, na verdade uma equipe de interior que eu coordenava; foi a pesquisa que eu fiz em Joanópolis. A propósito, fizemos uma série de travessias na Mantiqueira. Eu sempre fui muito aventureiro, tinha uma ponta de verba lá e eu combinei com uma aluna, Célia Serrano¹⁵, uma participante da equipe que fez um trabalho sobre o *Parque Nacional de Itatiaia*, de a gente passar oito ou nove dias atravessando a Mantiqueira a pé. Até Roberto Lima¹⁶, que hoje em dia é professor doutor em Goiânia, apaixonou-se por um lugarejo chamado Campo Redondo, nem luz elétrica não tinha. Por meio desse projeto a gente fazia muita reunião aqui na *Rosa dos Ventos*. Já estava pronta, mas ainda muito precária, só tinha essa casa aqui, e o pessoal começou a vir. O que aconteceu aqui nessa região foi o seguinte: toda ela era dominada por uma agricultura camponesa tradicional. Caldas se destacava pelo vinho, por isso que foi uma cidade mais rica, mais antiga, inclusive aqueles barracões estão sendo todos demolidos. Acabou, inclusive, de ser um mais. E os outros municípios eram mais precários com uma agricultura de subsistência, que o Martins¹⁷ estudou muito. Só que os outros introduziram café. Se você for para Poços de Caldas, Botelho, Campestre, é tudo região de café e café de alta qualidade, de exportação, que tem prêmios. E Caldas não se prestou ao café. Deve ter alguma coisinha aqui por esse lado, em Bom Retiro, mesmo assim eu nunca vi. Inclusive, Getúlio Vargas inaugurou em 1940, 1940 e pouco, a EPAMIG¹⁸ que existe até hoje, mas depois da quebra do vinho aqui não deu mais nada. Eles tentaram, eu já estava aqui, um projeto de frutas de altitude, como as que são produzidas numa estação experimental da CATI¹⁹ de São Paulo, construída em São Bento do Sapucaí, de produção de frutas finas: pêssego, nectarina, essas coisas. Tentaram implementar aqui, não deu certo. Logo, Caldas ficou para trás. Interessante, o município mãe, o município que foi rico, repito, nunca produziu uma intelectualidade, que eu me lembre ninguém. Os outros explodiram com o café. Aqui, como o pessoal diz, “voltou para trás”. Tem até uma historinha que eu estava contando outro dia. Nós estávamos reunidos em Pocinhos, quando o Pinduka²⁰ tinha o supermercado dele ali, conversando sobre uma fotografia para um cartaz, porque todo ano tem *Festa da Uva*, então Pinduka, muito brincalhão, disse: “olha, a gente não está conseguindo muito nada, não, mas eu tenho uma foto de 1942, Caldas era até maior”.

15 Celia Maria de Toledo Serrano.

16 Roberto Cunha Alves de Lima.

17 José de Souza Martins, foi orientador de doutorado de Carlos Rodrigues Brandão na Universidade de São Paulo (USP).

18 Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais – EPAMIG.

19 Coordenadoria de Assistência Técnica Integral – CATI.

20 Proprietário caldense de uma pequena rede de supermercados que recebe seu nome.

JRB: Por que “Vinho Amargo” não acabou sendo publicado?

CRB: Nunca tive vontade. Engraçado que foi parte de um projeto da UNICAMP, inclusive teria recursos do projeto, mas a própria Nazareth, agora estou lembrando, também não publicou o trabalho que ela fez sobre a agricultura modernizada em Leme, São Paulo. Depois deve ter saído em alguma revista, porque eram trabalhos menores. Quem fez trabalho grande, assim de tamanho de livro, fui eu. Também teve este detalhe, logo depois eu comecei a me envolver com *Sentimento do Mundo* e “HOSANA”, fiquei muito mais envolvido. E eu achava *Vinho Amargo* muito chato, porque, por obrigação do projeto, ele tinha muita estatística. Tem muita estatística lá sobre vinho e tal, então nunca me tocou. Eu costumo até brincar: eu pesquisei em vários lugares, por exemplo, São Luiz do Paraitinga – dois livros, *O trabalho de saber*²¹ e *A partilha da vida*, fora um filme²² – mas nunca morei lá, quer dizer, nunca fiquei lá, tive até convite para comprar um sítio, lugar maravilhoso também na Serra do Mar. Mesma coisa em Itapira. Já aqui, eu vim, fiz um trabalho que eu nunca publiquei, e acabei ficando.

JRB: Na sua entrevista para André Martinello²³, você explica que a natureza lhe chegou como uma “vocação de vida” a partir dos seus mergulhos, escaladas e acampamentos na época de escoteiro e que o mundo rural chegou por meio do Movimento de Educação de Base...

CRB: Foram duas conjunções. Aliás, foram três conjunções na minha vida. Eu nasci em Copacabana, no posto dois e meio, veja só. Eu sempre mexo com o pessoal que vem aqui e diz que gosta de natureza, mas o único que anda pela mata aí sou eu. Agora não mais, porque estou velho, mas quem saía com o embornal do lado e andava um dia e ia para beira de rio era eu. Ainda carregava volta e meia alguém que tivesse aí. Então, fui escoteiro, fui excursionista, fui escalador de montanha, ao longo de vários anos. Quando entrei na universidade, fui participante muito intenso de movimento estudantil, Juventude Universitária Católica. Aí veio o segundo elemento, ingressei no MEB, Movimento de Educação de Base, que existe até hoje, inclusive vai ter um encontro agora em março, e que foi muito perseguido na Ditadura. Eu trabalhava na linha de Paulo Freire e o MEB era um movimento totalmente rural. Era um movimento de alfabetização que pegava o Brasil de Minas Gerais para cima, para dentro, até a Amazônia. Quer dizer, fez um trabalho incrível, não conheço outro que tenha feito um trabalho de tanta qualidade durante tanto tempo. Então, o MEB me jogou no campo. Inclusive, eu comecei a ler Antropologia no MEB, em

21 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O trabalho de saber – cultura camponesa e educação rural**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1996.

22 **A trama da rede**. Direção e produção de José Inácio Parente. Corcina, 1980 (9min30seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P93I2TL6yLk>, acessado em: 15 fev. 2019, às 10h33min.

23 MARTINELLO, André S.. “Entrevista: Carlos Rodrigues Brandão - Parte I”. **Ruris**, v. 4, n. 1, mar. 2010, pp. 195 - 247.

1963, quando não se falava em Antropologia no Brasil. Tinha, na PUC, o Manuel Diegues Filho, com quem eu fiz um curso e tinha o Otávio Alves Velho, que era da Sociologia e do Partido Comunista. Eu era da Ação Católica e a gente tinha uma frente ampla. Mas naquele tempo eu nunca encontrei com o Otávio em alguma reunião. Portanto, eu já estava interessado em Antropologia via MEB por causa da cultura popular, mas na linha dos movimentos de cultura popular. O MEB era um movimento tão avançado que, em 1961, ele tinha no seu quadro de funcionários um antropólogo, chamado Wilson Hargreaves. Em 1961, por meio do Wilson Hargreaves, o MEB traduz do inglês, faz uma apostila e divulga – porque tudo do MEB a gente espalhava pelos regionais e locais, como a gente chamava – *O conceito de cultura* de Leslie White²⁴. O Museu Nacional estava mal nascendo. Para você ter uma noção, quando eu abandonei a Psicologia e quis bandear para a Antropologia de verdade, eu fui atrás do Roberto Cardoso de Oliveira no Museu Nacional. Eu perguntei: “eu gostaria de saber se tem alguma coisa a qual eu poderia me vincular”. Ele até me acolheu com aquele jeitão de sempre, me respondeu: “infelizmente, a gente não tem ainda uma estrutura, um curso; tenho apenas um monitor que trabalha comigo que é o Otávio Alves Velho”. Lembro-me que depois fui buscar na UnB – minha mulher, Maria Alice, é de Goiás – na Linguística, alguma coisa e não tinha. Isso em 1965. E o MEB, então, me levou para o campo, mas, você vê a diferença, não era escalar montanha, a natureza, para acampar, mas para trabalhar com o mundo rural, com camponês. Eu trabalhava num programa chamado *Animação Popular*, que veio da África, do Senegal, e estava ligado muito ao que a gente chama de *estudos de comunidade*, mas com uma perspectiva política, crítica. Deu, inclusive, muita perseguição. Lembro-me da minha mulher, que era coordenadora do MEB Goiás, das amigas delas, queimando no quintal pilhas de documentos; monitores presos; uma amiga minha, Alba, se exilando no Chile. Um tempo muito escuro. Então, você vê, uma vertente que veio do escotismo, da excursão, da montanha, outra que veio do MEB, e, aí, entra a Antropologia. Então, estou dando aulas em Goiás, já fui para o México, já casei, já estudei educação de adultos lá, encontro-me como psicólogo, sou formado em Psicologia, mas totalmente interessado na linha antropológica. O que eu faço? Lembro que eu criei por minha conta aos sábados um grupo de estudos de cultura e personalidade. Naquele tempo estava muito em voga cultura e personalidade, Margareth Mead. Eu tenho até hoje vários livrinhos de cultura e personalidade. Em 1972, Roberto Cardoso de Oliveira vai pra UnB, faço concurso, passo e já “viro” antropólogo.

JRB: Nessa mesma entrevista²⁵, você diz que foi no Sul de Minas, nas viagens com tio Ernani, que o mundo da natureza lhe pareceu rural, mas não fica totalmente evidente se naquele momento você chegou a conhecer Caldas.

24 WHITE, Leslie A. “The concept of culture”. *American Anthropologist*. New Series, v. 61, n. 2, Abr. 1959, pp. 227 - 251.

25 Ibidem.

CRB: Não, conheci muito depois. Isso é um elemento importante, foi bom você ter lembrado. Eu tinha um tio, um tio querido, tio Ernani, irmão de minha mãe. Formou-se em Agronomia e veio aqui para Pouso Alegre. Ele era agrônomo do Governo de Minas Gerais e viveu e morreu aí. Teve seis filhos, dos quais acho que três ainda moram em Pouso Alegre. Eu era muito ligado a ele. Era comum a minha avó, mãe dele, vir para ficar na casa dele ou na casa da mulher dele em Santa Rita do Sapucaí. O trabalho do tio Ernani era profundamente itinerante, trabalhava com morango, batata, com controle de uma praga, além disso tinha o mesmo gosto que eu. Vivia percorrendo aquela região toda: Maria da Fé, Santa Rita do Sapucaí, todo aquele pedaço de lá, não para cá. Se você quiser um divisor, quando a gente vai para Pouso Alegre chega um momento que você desce a Serra de Ipuiuna. Não sei se você já fez essa viagem; é muito bonita. Tem o Sul de Minas que é de Ipuiuna para cá, que é o Sul de Minas alto, que é o Sul de Minas de Araucária, e tem o Sul de Minas que vai pegar justamente essa baixada, que, do ponto de vista agrícola, é propícia. Então eu viajei demais com o tio Ernani. Era o que eu mais queria, ele me pegava, me punha no carro e ficava o dia inteiro percorrendo sítios, inclusive eu tentei ser agrônomo. Quando eu estava no último ano do que a gente chamava de colegial eu fiz um cursinho para Agronomia, mas eu desisti, porque eu era péssimo em Física, Química, Matemática. Fiquei até muito frustrado. O interesse do rural teve essa conotação: quando meus companheiros e eu saíamos para escalar montanhas, a gente queria natureza, passava pelos sítios e estávamos nem aí – inclusive a gente ia para as montanhas de Friburgo, Teresópolis, Petrópolis – e o rural com pessoas, como cultura, foi grande parte por meio, primeiro, do tio Ernani. Isso anos de 1950, mas ainda uma coisa muito, digamos, primária, quase brincalhona. E depois foi por meio do MEB já com uma consciência política, um outro papo, uma outra dimensão. Quando eu chego em Caldas, não foi uma coisa intencional, eu não tinha um projeto, eu não tinha proposta, eu criei a *Rosa dos Ventos*, era uma ideia de ser uma casa coletiva, como é até hoje. Você viu aí, gente que chega, gente que sai. Começou assim: o Rubem Alves, por um lado, passou a atrair uma gente mais velha e amiga dele, sobretudo um casal muito querido – o Hans²⁶, um alemão, e a Tomiko²⁷. Você já foi lá no Barracão²⁸. Eles vieram atraídos por Rubem e não por mim. Aliás, por meio do Rubem, acho que quem veio mesmo foi Tomiko e Hans. Veio muita gente para estar aqui por causa dele. Ele alardeava e falava muito sobre Caldas. E, no meu caso, só havia UNICAMP. Foi interessante porque primeiro foram os alunos, como aqui era muito barato, então a Emília, nem sei se ela já era professora, eu acho que não, acho que ela fazia mestrado... Emília, depois Raquel, que inclusive comprou a terra

26 Hans Born, filósofo, teólogo e artista plástico.

27 Tomiko Born, assistente social especialista no campo da Gerontologia.

28 O casal Born possui, próximo ao centro de Caldas-MG, um espaço construído por eles para reunir os interessados em debates, como os filosóficos, e em arte, por exemplo, as músicas feitas e cantadas pelo baiano João Bá, que residia na *Rosa dos Ventos* de Brandão até recentemente, e as artes em madeira feitas por Hans Born.

dessa Silvana – cujo marido foi expulso daqui²⁹, teve que ir para Governador Valadares por conta da luta dela contra a INB³⁰ –, e alunos que foram se estabelecendo. De repente, não é que tinha uma intelectualidade de Caldas, tinha uma intelectualidade em Caldas. Quer dizer, era um pessoal de Campinas, de São Paulo, que começou a vir aqui porque começou a comprar terra e se estabelecer aqui: a Regina Sarmiento – que acabou nunca construindo, acho que tem um terreno belíssimo na beira do rio – a Calu³¹ – que fez doutorado comigo e hoje em dia é professora em Alfenas – teve mais gente, assim, de professores, que não estou me lembrando agora, e os alunos que foram chegando. Houve um tempo, realmente, que aqui estava muito movido por conta dessa chegada de pessoal. Foi quando a gente fez esse curso para professores³². Montamos, inclusive, um grupinho chamado *Arandurá, lugar de aprender*. Era a Regina Sarmiento, Severino Antônio³³, que foi orientando do Rubem, a Claudia, que foi quem coordenou esse projetinho de Caldas³⁴, o marido dela, Zé Otávio, uma coisa assim, tinha um pessoal, a Cátia e eu.

JRB: Professor, gostaria de compreender um pouco mais sobre sua relação com Rubem Alves. Se observarmos a pré-edição do “Sonha Caldas”³⁵, que, de acordo com o arquivo, é de 2002, Rubem Alves afirma que a cidade deveria manter seu passado contra os “novidadeiros”. Era uma espécie de manifesto que ele escreveu contra a transformações das festividades do município, dos paralelepípedos da rua, das arquiteturas antigas...

CRB: Eu ainda “peguei”, Caldas era uma cidade linda, cheia de casarões. É até interessante, só para você pensar do ponto de vista arquitetônico, quando você vê fotografias de Caldas antiga são casas ainda do século XIX, século XX. São aqueles casarões rústicos. Quando você vai em Poços de Caldas, que começou seu desenvolvimento nos anos quarenta, você vê um estilo completamente diferente. Já não é mais aquele “casarão mineirão” com janelas de madeira. Já é estilo italiano, muito mais rebuscado, inclusive até a casa do próprio Antônio Cândido.

JRB: Em dezembro de 2002 e julho do ano seguinte, aparece, num texto do

29 Esse momento relaciona-se ao período em que Brandão e parte de seus amigos estavam mobilizados contra um depósito de rejeitos radioativos em Caldas-MG. Sobre isso, ver, por exemplo, a matéria *Lixo nuclear de extinta mina de urânio ocupa área de cem Maracanãs* do *Jornal Nacional*, disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/09/lixo-nuclear-de-extinta-mina-de-uranio-ocupa-area-de-cem-maracanas.html>, acessado em: 13 fev. 2019, às 15h57min.

30 Indústrias Nucleares do Brasil – INB.

31 Carmem Lúcia Rodrigues.

32 Ver a primeira nota desta entrevista.

33 Severino Antônio Moreira Barbosa.

34 Projeto focado na memória de caldenses sobre a cidade e que esteve correlacionado ao mesmo curso ao qual Brandão faz referência.

35 *Jornal de Caldas* de circulação digital e impressa. Disponível em: <http://sonhacaldas.org.br/>, acessado em: 13 fev. 2019, às 17h38min.

“Sonha Caldas” que leva sua assinatura, a preocupação preservacionista, embora não exatamente com o passado, mas com a natureza “única” do Sul de Minas. Diante disso, qual era sua relação com o Rubem Alves, e foi essa preocupação conservacionista tanto com o tempo quanto com o espaço que impulsionou o pequeno jornal?

CRB: Na verdade, quem fez mais o jornal foi Tomiko. É o seguinte, eu conheci Rubem Alves muito antes de Caldas. É curioso que é um conhecimento via religião. Justamente na época da Ditadura, um grupo de protestantes, que tinha sido formado por um missionário presbiteriano revolucionário que passa pelo Brasil e pela América Latina, se alia a um grupo católico de esquerda também e funda duas instituições, inclusive uma muito importante na Antropologia, o ISER, Instituto Superior de Estudos da Religião, depois teve que tirar o “superior”. Tem um que funciona até hoje no Rio. O grande impulsionador quem foi? Um antropólogo, Rubem César Fernandes. Ele foi professor da UNICAMP, funda o ISER, vai para o Rio de Janeiro, assume o ISER. Depois militou muito por causas sociais e tudo. E o ISER é um centro de estudos que tinha teólogos como Rubem, mas que chegou a ter um predomínio depois de antropólogos e sociólogos, inclusive eu pertenci ao grupo de estudos de catolicismo coordenado pelo Pierre Sanchis: Carmem Simira; Alba Zaluar; Patrícia Birmam – que, embora trabalhasse mais com umbanda, participou desse grupo – Rubem César acho que não. E tinha um grupo que era mais de ação política chamado CEDI, Centro Ecumênico de Documentação e Informação, que funcionava no colégio Sion em São Paulo e no Rio de Janeiro. CEDI era um nome de fachada, porque era plena Ditadura, pois fazia uma ação política e pedagógica. Eu participei muito dos dois. Eu estava em Goiânia nessa procura para fazer uma pós-graduação e não encontrava nada. Rubem tinha sido convidado para trabalhar em Rio Claro, na UNESP, recém-criada. Naquele tempo em que, no doutorado, você era aceito apenas com uma carta do orientador. E o Rubem – eu o procurei com um amigo dele para fazer doutorado, eu e Joel Pimentel de Ulhôa, que acabou fazendo doutorado em Filosofia com Marilena Chauí – acolheu-nos numa boa, como amigo dele, Joel nem tanto depois. Só que depois “pintou” a possibilidade da USP. Foi no lapso entre o mestrado na UnB, que acabou em 1974, e o ingresso no doutorado, que foi em 1976. Então, ficamos muito amigos, antes até de ele vir para cá. Uma amizade estreitíssima de 40 anos. Viajávamos juntos, ou para palestras, ou para encontros do CEDI, que eram até em Itatiaia, no *Hotel Fazenda da Serra*. Então, era uma amizade muito estreita, mas com um certo distanciamento. Rubem muito ligado à Teologia, à Filosofia, e eu já totalmente antropólogo, “mexendo” com o mundo rural, isto não interessava a ele. Foi uma sequência de pesquisas: a minha dissertação de mestrado, não tem a ver com negros – tem até uma história que vai envolver o México com um projeto do professor Roberto Cardoso de Oliveira, a gente pode conversar outra hora – depois o doutorado sobre religião em

Itapira, mas a partir daí todas as pesquisas – *O afeto da terra*³⁶, *A partilha da vida*³⁷, todas elas – vão incidir sobre o mundo rural. Depois, quando eu fui para a Galícia fazer pós-doutorado, eu pesquisei de novo campesinato galego. Nesse momento, Rubem entra na Educação. Ele era da Filosofia, mas era “um peixe fora d’água”. Por causa da Filosofia estar dominada por outras linhas de pensamento, ele vai para a Educação, inclusive Paulo Freire, nos anos oitenta, volta para o Brasil e é contratado pela Faculdade de Educação. Começamos a conviver muito estreitamente durante um tempo: Paulo, Rubem e eu. Paulo e Rubem na Faculdade de Educação e eu no IFCH³⁸, mas nós tínhamos um contato muito grande. Eram bancas de tese, viagens; viajei muito com os dois, com Rubem e com Paulo. Agora Caldas é interessante, porque teve uma diferença muito grande, enquanto eu construía a *Rosa dos Ventos* para encher de gente, para ter encontros, como até hoje acontece – Rubem dizia que eu era maluco. Ele, ao contrário, fez uma casinha pequeninha, só tinha dois quartos. Ele com a companheira dele, inclusive ele morreu e ela ficou como herdeira da casinha, que depois foi vendida para um professor da UNICAMP, Thomas, da Biologia. Rubem, quando vinha para cá, vinha para descansar. Ele tinha toda razão, porque ele tinha uma vida muito agitada, porque, depois que ele se aposentou, ele teve uma atividade como psicanalista durante um bom tempo e como palestrante. Viajava para todo lado sem parar. Então, quando ele vinha para cá, ele se escondia. Já eu não, quando eu vinha para cá, eu vinha para curso, reunião, encontro...até hoje, você viu aí. Ele vinha aqui na *Rosa*, mas, é curioso, porque ele ficava pouco, porque sempre estava cheio de gente. Tinha muito encontro de música, até a gente chamava “cantoril” e era em volta dessa fogueira³⁹. Ele é quem escrevia mais sobre Pocinhos, que propagandeava mais, o *Sonha Caldas*.

JRB: E qual era a ideia do “Sonha Caldas”?

CRB: O *Sonha Caldas* era um sonho mesmo. Aí chega Tomiko Born e ela se alia a algumas pessoas daqui: a Sueli Landi, a Ilza Landi. É o que eu digo: de toda população de Caldas, você não tem mais do que umas dez, quinze pessoas que somaram com a gente tanto em termo de cultura, de memória, por exemplo o que a gente fez de pegar a *Casa da Cultura*⁴⁰, que era uma casa abandonada, estava abandonada há 50 anos, e conseguimos... Eu não me envolvi muito nisso, acho que o Rubem mais, mas conseguimos verba para transformá-la

36 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sítiantes do Bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

37 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A partilha da vida.** Taubaté: Geic, Editora Cabral, 1995.

38 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

39 Há um espaço permanente para acender fogueiras e reunir amigos na parte da frente da *Rosa dos Ventos*, perto da biblioteca e da entrada do sítio.

40 Para mais informações disponíveis sobre a *Casa da Cultura*: <http://caldas.mg.gov.br/casa-da-cultura-mantem-cursos-e-exposicoes-em-caldas/>, acessado em: 13 fev. de 2019, às 18h01min.

numa *Casa da Cultura* que estava meio parada. Ontem mesmo você viu, eu mandei caixas de livros para lá⁴¹. E Rubem, por meio da Tomiko e do Hans, ficou mais caldense do que eu. Então, ficou diferente. Rubem e Thaís numa chácara pequenininha, só os dois, então com mais liberdade para estar em Caldas quando ele vinha, porque ele tinha uma vida muito intensa. Foi até quando ele teve um restaurante chamado *Dali*, em Campinas, foi um tempo muito bonito na vida dele. E eu, ao contrário, vinha muito naquele tempo, mais do que agora, mas minha vida não era muito com Caldas a não ser por meio de trabalhos. Esse longo curso que a gente fez para professores foi marcante. Depois a experiência do curso de especialização que chamava *Redes solidárias em educação e ação social*, acho que envolveu mais gente de Poços de Caldas. A PUC bancou e os cursos eram dados lá, mas era gente nossa: Valéria, Severino, eu... Foi quando Daniel⁴² veio, que é um outro momento muito importante. O Daniel, na primeira vez que veio aqui, veio com uma turma enorme de alunos na *Rosa dos Ventos*. Ele era estudante de graduação em Física e criou um grupo de alfabetização, eu tenho até uma camiseta amarela que é desse grupo dele. Ele pediu – nem sei como conheci Daniel – para vir fazer um encontro com um pessoal, que até chegou de madrugada. Era um bando de estudantes da UNICAMP. Ele, que chegou a se aproximar de Caldas ainda como estudante de Física, vinculou-se à questão da economia solidária ao que está ligado até hoje. Daniel morou aqui, morou em Brasília nos tempos de Lula, depois ficou em dúvida entre as duas cidades, mas acabou vindo para cá. Casou-se com Noemi, criou o *Recântico*⁴³, mas a base de trabalho principal dele é um tal de *EITA*⁴⁴, que é um grupo de economia solidária via internet, alguma coisa assim.

JRB: É esse pessoal que também está vinculado à mobilização pela Pedra Branca?

CRB: Sim. Na verdade, aqui entre nós, tiveram dois momentos de mobilização. Teve um primeiro que foi em relação à INB. Está até aqui o dossiê. Foi quando a gente começou a entrar em conflito com esse pessoal da INB. Então foi um primeiro momento, quando criamos aquele Águas Claras⁴⁵, que não envolveu muita gente. Era mais eu que coordenava o Águas Claras. Depois teve um lapso, depois que esse pessoal foi embora, então teve um segundo momento já com Daniel. Aliás essa história da luta contra a INB merecia um dia

41 Carlos Rodrigues Brandão cedeu parte de sua biblioteca que se encontrava na *Rosa dos Ventos*, em particular romances, para a *Casa de Cultura* da cidade de Caldas-MG e que foi levada pelo atual Secretário de Cultura e Turismo do município.

42 Daniel Tygel, ambientalista e proprietário de um restaurante na cidade.

43 *Recântico*, ao que parece, é mais do que um restaurante, tem sido um ponto de encontro entre aqueles que, de algum modo, estão vinculados por suas motivações e posições políticas e que pensam semelhantemente os rumos de Caldas.

44 Mais informações sobre a cooperativa podem ser encontradas em: <http://eita.coop.br/>, acessado em: 13 fev. de 2019, às 18h16min.

45 Brandão, enquanto explica esses diferentes momentos de mobilização pela conservação ambiental na cidade de Caldas, procura em sua biblioteca os arquivos a respeito dessa primeira fase em que foi criada o movimento Águas Claras, segundo ele, a partir da leitura de um de seus arquivos, “o negócio estava fervendo” nos anos 2000.

ser estudado, porque foi muito interessante.

JRB: E hoje, como está o movimento ambientalista em Caldas?

CRB: Eu não sei dizer, porque a gente teve um período muito intenso com relação a essa Águas Claras⁴⁶. Depois a Soninha foi embora, separou-se do Dércio⁴⁷...aí mistura todas essas histórias pessoais também. A Soninha foi embora, a Silvana teve também que ir embora, foi mandada, na verdade, por causa do marido dela. Ficou eu aqui, mas fiquei mais ligado à formação de professores durante o *Arandurá*, mas isso é um outro momento. Então, teve um outro instante que a gente começou a tentar articular, inclusive por meio do Águas Claras⁴⁸, uns três ou quatro encontros que a gente ia para beira de rio para fazer plantio de mata ciliar, festa; as mulheres preparavam comilança. Então tinha papo ambiental e plantio de árvores. Era encontro “*não sei o que*” da natureza e qualidade de vida. Fizemos uns três ou quatro.

JRB: A “Rosa dos Ventos”, então, mistura uma série de pessoas e trajetórias?

CRB: Mistura. Caldas é interessante, porque, no momento que nessa região, em outras áreas, estava ocorrendo o que eu chamaria de um deslanche místico-espiritual, há vários grupos esotérico-espiritualistas que ocuparam várias regiões – São Tomé das Letras, o Trigueirinho⁴⁹, região de Caxambu, Serra da Gamarra – Caldas e Poços de Caldas, mais aqui, tomaram mais um perfil ambientalista-político. A própria *Rosa dos Ventos*, eu fugi muito disso, porque volta e meia tinha essa tentação. Vinham pessoas que queriam botar uma *Rosa* espiritualista, mística, vegana. Eu dizia: “não, aqui é uma casa de diálogo”. Aqui eu quero puta, místico, freira, ateu, comunista. Eu quero um espaço onde justamente ninguém faça a cabeça de ninguém e cada um pense com a sua. E tem sido assim até agora, teve essa convergência. O próprio Rubem, conhecido como teólogo, líder espiritual, nunca quis bancar muito isso. Era um cara muito mais com os pés na terra, digamos assim. Tinha, inclusive, uma bronca danada desse pessoal que realiza mais “delírios” esotéricos. Volta e meia tinha um pessoal assim, mas a predominância sempre foi mais de uma vocação,

46 Refere-se a uma barragem de contenção construída por conta da mineração no município de Caldas-MG. A controvérsia acerca do rompimento dessa barragem tomou o cenário político e social regional mais fortemente depois do ocorrido com a barragem de Brumadinho-MG. Sobre a questão, ver novamente a nota acima em que nos referimos à matéria de 2017 do *Jornal Nacional*, a notícia jornalística começou novamente a circular pela região, e a reportagem do *Jornal Andradas Hoje* de 7 de fevereiro de 2019. Esta última disponível em: <http://jornalandradashoje.com.br/2019/02/07/promotor-de-caldas-fala-com-exclusividade-ao-jah-sobre-aco-es-movidas-pelo-mp-desde-2010-contr-a-inb/>, acessado em: 13 fev. de 2019, às 18h28min.

47 Dércio Marques, violero, compositor e intérprete.

48 Referindo-se ao movimento por meio do qual faziam denúncias das atividades de mineração em Caldas-MG.

49 José Trigueirinho Netto, que se definia filósofo-espiritualista, é fundador da *Comunidade – Luz Figueira*.

digamos assim, mais pedagógica, mais de pesquisa, gente que veio interessada em estudo e mais ligada a questões ambientais e sociais. Então, Águas Claras que a gente criou... Depois uma tentativa de outras associações, inclusive essa *Universidade Livre*⁵⁰ vem de longe, vem do que tempo que Daniel estava chegando aqui, quando a gente tentou criá-la e acabou desaguando nesses dois cursos de pós-graduação em *Redes Solidárias*.

JRB: A trajetória da Rosa dos Ventos, portanto, acaba misturando-se muito com a arte também?

CRB: Sim, porque aconteceu assim: quando eu vim para cá nos primeiros tempos, Dércio Marques, que era um cara carismático, arrebanhava gente, ouviu falar, não me lembro como, e veio com a mulher dele, Soninha. Inclusive moraram aqui quando Rubem Alves saiu, porque a casa dele ficou pronta. Como Soninha tinha duas filhas pequenininhas, que hoje em dia já são professoras, e vieram duas sobrinhas, eu abri a biblioteca, porque não dava para morar só lá. Soninha se envolveu muito com esse Águas Claras e Dércio Marques impregnou não só a *Rosa dos Ventos*, mas toda a região de Caldas, que é uma outra história muito bonita que tem muito dele. Não é que ele tenha chamado; as pessoas que ficaram vindo. Então, tinha gente que já era daqui: Fernando Guimarães, que é da *União do Vegetal*, um líder espiritual que é um cara maravilhoso musicalmente, Josias Medina, do Norte de Minas, veio para cá, morou aqui, e veio um bando de gente. Esse pessoal que está agora, digamos, é a última geração: Nádia Campos, João Arruda... Tem o João Bá, que num encontro convidei para vir morar aqui quase de brincadeira; ele baixou aqui. Então, chegou um momento que a *Rosa dos Ventos* alimentava muito desse mundo artístico. Tinha muito “cantoril” quase todo fim de semana, porque todo mundo estava aqui. E depois, como sempre, o pessoal se dispersou, mas teve tempo que Ivan Vilela chegou morar aqui, Pereira da Viola veio aqui mais de uma vez, Doroty Marques mais de uma vez, inclusive porque tinha as sobrinhas aqui. Bom, Dércio morou aqui até construir a casa ali. Até hoje, por exemplo, Nádia Campos que foi chegando depois; João Arruda, então o pessoal foi se agregando.

JRB: E sua amizade com o João Bá, como que começou?

CRB: Estava tendo um encontro em Pirapora, justamente isto: arte, cultura, uma coisa assim. E eu fui. Fui via Belo Horizonte, foi quando o Martinello queria me entrevistar⁵¹. Eu disse: “olha, estou indo para Pirapora, se você quiser você vai para lá comigo que eu vou ficar

50 Carlos Rodrigues Brandão tem coordenado com amigos e ex-alunos encontros mais ou menos mensais na *Rosa dos Ventos* e têm sido denominados *Universidade Livre da Pedra Branca*. O nome indica ser momentos para agregar diferentes pensamentos sem o rigor comportamental das salas de aula das instituições acadêmico-científicas, embora estimule leituras, não só, mas também, de escritos de intelectuais para pensar os “mistérios da pessoa humana”.

51 Ibidem.

lá uns dias”. Foi um encontro maluco que aconteceu. Nós nos encontramos na Rodoviária de Belo Horizonte, lá que você pega o ônibus para Pirapora, sem nos conhecermos: Nádia Campos, uma menina naquele tempo; João Bá – até não me lembro que levou João – Martinello e eu. Não sei se tinha mais alguém. Conhecemo-nos ali, pegando o ônibus. Fomos para Pirapora, foi um encontro muito lindo. Pirapora foi pouquinho, foi um encontro desses de três ou quatro dias, não mais. A gente não tinha acabado a entrevista, eu falei para o Martinello: “olha, eu estou indo para Montes Claros”, porque eu estava começando a me vincular à universidade. Então eu vim Campinas, Belo Horizonte, Pirapora e fui para Montes Claros, falei: “você vai comigo, você vai comigo”. E ele: “eu vou”. Acabamos a entrevista na casa de Alessandra Leal⁵² que veio ser minha doutoranda. Ele acabou tendo uma paixão arrebatadora pela irmã dela, Érika⁵³, que acabou sendo minha mestranda. E João Bá nem foi para Montes Claros, ele voltou. Foi nessa ocasião que eu falei “João Bá, eu tenho uma casa...” – ele já conhecia de Dércio Marques – “quem sabe você não vai para lá”. Um dia ele aparece de mala e cuia aqui: “olha, vim morar aqui”, e ficou. E Nádia Campos foi depois. Nádia ainda foi para o Chile, ela foi casada com um chileno, teve dois filhinhos lá. Depois separou, ficou com Guilherme⁵⁴, que é músico. São essas histórias cruzadas. Teve um tempo que...até João Arruda está querendo recuperar uma atividade musical, inclusive criativa, muito grande. Para você ter uma ideia, eu tinha um livro de poesia para adultos, chamado *Os nomes*⁵⁵, e dois para crianças e jovens, os três foram musicados por gente daqui. Você vê que interessante, quer dizer, as coisas iam acontecendo. Não tinham uma programação estrita e estreita, não. E teve um tempo que se criou um curioso vínculo Norte-Sul de Minas, porque aqui acontecia muita coisa – aqui já estava o Dércio, já estava João Bá – e eu já estava ligado a UFU – que é coisa de 2000, 2001, 2002, fiquei dez anos na UFU – e Unimontes. Na UFU, eu impus ao pessoal: “eu só assino contrato com vocês se eu ficar liberado para pesquisar no Norte de Minas, inclusive dar curso lá”. Eu dei cursos na Universidade Federal de Uberlândia e em Pirapora. Foi um tempo muito intenso, ficou um enlace que pegava Norte de Minas, Belo Horizonte, que tem muitas artistas (Pereira da Viola, Lígia Jacques, Titane), e aqui. Então ficou um círculo.

JRB: Professor Brandão, você vê essa união com artistas como uma forma de resistência, considerando que para você as manifestações culturais e populares estão mais ligadas à resistência do que supomos?

CRB: Bom, primeiro mais do ponto de vista antropológico, eu tive esse ingresso na Antropologia que é muito peculiar. Eu não conheço outra pessoa, talvez Moacir Palmeira,

52 Alessandra Fonseca Leal.

53 Érika Adriana Leal.

54 Guilherme Melo.

55 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os nomes: escritos sobre o outro – poesia**. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

Otávio⁵⁶, gente do meu tempo. Talvez tenhamos sido uma geração que veio, digamos assim, da militância para a Antropologia. Fora casos de etnólogos que tinham trabalhos com índios, mas uma militância mais política definida eu estou me lembrando agora dessas três pessoas. Deve ter mais. Então, essa ideia que a gente já trazia, que era uma leitura que misturava Malinowski e Antônio Gramsci. Essa ideia que defendi em vários trabalhos que a cultura popular, por exemplo uma Folia de Reis, mesmo que ela pareça uma coisa extremamente tradicional, católica, piegas, na verdade no simples existir como alguma coisa própria – inclusive Folia de Reis é muito autônoma, não precisa de igreja, não precisa de padre, é eles entre eles – é uma forma cultural de resistência. Não tem, por exemplo, a visibilidade conflitiva do MST, das músicas, mas é uma forma de resistência. É até curioso, no trabalho que estou fazendo agora, tem um momento que eu cobro isso dos antropólogos. Eu digo: nós antropólogos, a começar por mim mesmo, temos uma visão de cultura popular resistente muito apegada ainda ao jongo, à capoeira, ao congo, às coisas mais tradicionais, mas, por exemplo, não conheço nenhum antropólogo que tenha se preocupado em estudar a música do MST⁵⁷. E o MST tem “n” CDs de músicas revolucionárias, eu mesmo tenho aí, ou a poesia do MST, eu tenho inclusive um livrinho de poesia do MST. Eu costumo dizer, o antropólogo está muito mais preocupado com a resistência por meio da tradicionalidade e deixa ao sociólogo esses estudos, por exemplo, de arte revolucionária, arte de movimentos populares e tudo isso⁵⁸. Até é uma coisa interessante que está desabrochando agora, eu não conheço, por exemplo, um trabalho sobre artistas e arte em movimentos como o MST.

JRB: Trabalhos de antropólogos?

CRB: Mesmo de sociólogos. Não conheço. A propósito, estive no Maranhão há um tempo, na finalização de um programa de alfabetização – o governador de lá é comunista, um cara interessantíssimo, e ele fez um programa de alfabetização em convênio com Cuba, o programa *Sim, eu posso*, um método de alfabetização, inclusive como método não acho grande coisa – eu fiquei impressionado. O encontro todo foi movido à música, inclusive tinha um grupo de mulheres fantástico, cantoras e instrumentistas, e eu nunca vi ninguém interessado por isso.

JRB: Para entender um pouco seus escritos...

56 Otávio Alves Velho.

57 Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST.

58 A dissertação de Jussânia Borges Corrêa – que se dedicou a compreender a atuação dessas e desses artistas aos quais faz referência Brandão, e que estiveram ligados à *Rosa dos Ventos* – certamente vai nesse sentido, ao apontar, em resumo, a relação entre arte e resistência, em particular, pelo seu viés ambiental: “ao lado da destruição do Cerrado existem artistas, violeiras e violeiros conscientes que a devastação deste importante bioma precisa ser denunciada”. Ver: CORRÊA, Jussânia B. **Êcomusicologia no Cerrado: violeiras e violeiros convivendo com a natureza**. Dissertação de mestrado em Música. Universidade de Brasília – UnB, 2017.

CRB: Você entra neste site que tem todos meus escritos: www.apartilhadavida.com.br. Tem todos os meus livros, tudo estou colocando lá.

JRB: Mas tem um poema seu onde, por meio de uma comparação metafórica entre as palavras e o vento, você atribui as suas próprias palavras a outras pessoas?

CRB: Foi o que eu li quando eu recebi o “professor emérito”⁵⁹. Eu tive a ousadia de terminar lendo um poema. Na verdade, quando eu recebi esse título na UNICAMP, eu fiz questão de fazer uma espécie de discurso às avessas, porque quase sempre, não só em casos como esses, mesmo que a pessoa não seja vaidosa, ela se sente obrigada a falar de si, de comentar “meus feitos”, “o que eu fiz”, “o que eu produzi”, mesmo que ela diga “não, foi uma coisa coletiva”. Eu fiz uma fala lembrando até as secretárias da UNICAMP, lembrava da Mara, da Lurdinha, dizendo o tempo todo que eu estava recebendo um prêmio que ele só tinha sentido no plural, porque todo trabalho que eu fiz foi trabalho com equipes, pessoas, colegas professores, estudantes, inclusive alguns estavam lá, João Arruda estava lá, Emília estava lá, aliás um monte de gente. Terminei com esse poema, eu disse “eu quero ler para vocês, para finalizar, um poema”, que acredito traduzir essa ideia de que tudo o que sei passa com o vento, não está em mim, mas apenas passa por mim. Aliás é a ideia grega do *Lógus*, o *Lógus* como uma entidade de pensamento, que quase tem uma existência em si e que apenas atravessa algumas pessoas. Heráclito tem até um fragmento famoso, fragmento 51, onde ele diz “ouvindo a voz do *Lógus* e não a mim, eu sei que tudo e todos somos um”.

JRB: Você diz que escreve nas páginas em branco dos livros de poesia e de que, às vezes, elas aparecem pelo meio de seus cadernos de campo. Portanto, de algum modo, os seus dados científicos misturam-se à poesia?

CRB: Aquele meu livro *Diário de Campo*, que foi uma ousadia, chama *Antropologia como alegoria*⁶⁰, são poemas antropológicos, todos. É interessante que Dennis Tedlok tenha feito um livro de poesia – *Days from a dream almanac*⁶¹, eu tenho aí com uma dedicatória dele – é uma espécie de transliteração de mitos maias em poesia. Ele, no prefácio, me cita, porque esteve aqui no Brasil, inclusive esteve na UNICAMP e tive um encontro com ele no México. Então, essa ideia que, às vezes, faz eu sentir-me meio solitário, porque têm muito pouca gente que faz. Até brinquei uma vez com Manuela⁶², falei: “aposto que você tem lindos poemas escondidos”. Eu já provei um pouco de uma vertente grega – eu lembro a

59 *Como o vento, as palavras vêm*. Disponível em: <http://folhasaovento-poesia.blogspot.com/>, acessado em: 15 fev. 2019, às 12h23min.

60 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Diário de campo: a antropologia com alegoria**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

61 TEDLOK, Dennis. *Days from a dream Almanac*. Urbana-Champaign: University of Illinois Press, 1990, col. “Folklore and Society”.

62 Manuela Carneiro da Cunha.

ciência grega e a filosofia grega – ela começa como mito e poesia tanto na vertente histórica, por exemplo, Homero, quanto na vertente filosófica, por exemplo, Parmênides. A filosofia de Parmênides é um poema muito mítico, ele começa muito mais pelo lado do mito do que da Filosofia. Então eu até digo em alguns escritos meus que eu lamento a ciência, sobretudo a Antropologia, que – tão próxima do mito, da música – acaba produzindo uma linguagem seca.

JRB: Que consequências haveria para a etnografia se incorporássemos mais a poesia?

CRB: Eu acho que hoje já existem pessoas fazendo isso, fazendo etnopoética. Não saberia citar nomes, mas lembro-me que um tempo atrás eu vi um trabalho nessa linha. Eu tenho a impressão – e não vou poder falar com muito substância, porque não estou acompanhando isso – que muitas coisas vão acontecer na Antropologia muito depressa. Por exemplo, uma ex-aluna minha, Joice, foi minha mestrande e doutoranda também na UFU, estava trabalhando com o que ela chamava de transliteração, que não sei se é o sentido divulgado ou se é uma coisa da cabeça dela, e que, por sua vez, ela estava trazendo de uma professora chamada Renata, que eu não sei de que área era da UFU, mas que tinha um grupo também de dança. A transliteração é uma coisa que talvez venha ser trabalhada na Antropologia. Vou tentar traduzir, tal como Joice, que é daí que eu tenho a experiência: você entrevista a pessoa e ela fornece a narrativa dela, então você entra na narrativa e escreve no que foi dito. Logo, é um texto que nem é a narrativa dela, nem é um texto antropológico, é você entrando no texto dela, inclusive dizendo que é uma transliteração de uma fala de uma pessoa. É como se, de repente, um índio xucuru-kariri fizesse-lhe uma narrativa de memória – coisa que você estava me contando – e, em vez de você transcrever o que ele falou e depois fazer uma análise antropológica, você entrasse e transliterasse, criasse um texto que não é nem seu e nem dele, mas de vocês dois. Então, acho que a Antropologia vai acabar se abrindo para todas essas alternativas.